Vara de pescar

A ABCZ vai levar sua 'expertise' em genética a 55 mil agricultores familiares do semi-árido mineiro

CÉSAR GARCIA

LADOLFO



Borges Mendes, da ABCZ: "Nós vamos ser o celeiro do mundo"

A maior entidade de pesquisa e desenvolvimento genético de gado bovino do Brasil, a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), chamou a si a responsabilidade de promover o aprimoramento do modelo de produção da pecuária bovina numa região que registra um dos mais baixos índices de desenvolvimento social brasileiro: o semi-árido de Minas Gerais. O projeto abrange o norte do estado, o Vale do Jequitinhonha e o Vale do Mucuri, áreas que concentram 55 mil agricultores familiares e assentados, a maioria vivendo em situação precária. A Carta de Uberaba, como ficou conhecido o projeto, foi levada, em 3 de maio última, ao presidente Lula na abertura da Expozebu – a maior feira de gado zebuíno do mundo. Foi para falar desse e de outros projetos da entidade que o Abre Aspas deste mês foi a Uberaba ouvir o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes. Fazendeiro por tradição e médico por formação, José Olavo, 59, iniciou-se na genética bovina quando casou, nos anos 70, com a filha de um pecuarista e ganhou uma fazenda como dote. A química deu tão certo que ele optou pela genética e deixou a medicina de lado.

A ABCZ está participando do Fome Zero através de um leilão que conseguiu arrecadar até agora R$430 mil em fundos para o programa. Todavia contribuições em dinheiro podem ser apenas uma forma pontual de ajudar a combater a fome. O que a ABCZ poderia fazer para ajudar de uma forma mais definitiva o programa?

— Na verdade esse dinheiro corresponde a apenas 60% do potencial de arrecadação, porque não houve tempo hábil e, mesmo com o que foi doado à ABCZ para que fosse a leilão, 40% das prendas ficaram sem ser leiloadas. Mas o importante é que a ABCZ está com dois programas: está aderindo a um programa emergencial, que é dar dinheiro, dar comida, dar alimento para esse pessoal, mas o grande programa é o que vem em segundo plano: a Carta de Uberaba que será assinada em nosso palanque oficial, onde teremos várias entidades e vários ministérios encampando esse processo, como a Embrapa, o Ministério da Agricultura, o Ministério da Segurança Alimentar e o Ministério de Desenvolvimento Agrário*. O objetivo é dar condições para que o pequeno e médio produtor possam produzir com mais eficiência, através de uma genética melhorada não só para o gado de corte mas também para o gado de leite, através de tecnologias que possam ser implantadas nesse processo. Não é só dar o peixe ao criador, você tem que dar a ele a vara de pescar.

Um programa de segurança alimentar pressupõe aumento do consumo de carne bovina. O que estrategicamente poderia atrair o interesse dos pequenos e médios produtores de carne bovina e ao mesmo tempo ser uma contribuição social, algo que os beneficiasse concretamente?

— Eu acho que ensinando esse pequeno e médio produtor a produzir um bezerro melhorado, quem sabe até certificado, ele vai agregar valor ao que ele recebe, ao que produz. E não só isso: nós temos que pensar num alimento melhor para as crianças, através do leite e da carne. Acho que o leite tem uma participação muito importante e a ABCZ está tentando resgatar um projeto que existe no Nordeste, no estado da Paraíba, onde tem um potencial muito grande de raças zebuínas leiteiras: o guzerá, o sindi e o gir. Isso hoje é gerido pela Embrapa, mas vale uma gestão da ABCZ nesse sentido. O objetivo é aumentar o criatório, multiplicar o material que existe lá através de transferência, através de coleta de sêmen, doando o material genético.

Em 23 de abril o ministro Roberto Rodrigues reuniu-se com a secretária de Agricultura dos EUA defendendo a abertura daquele mercado à carne bovina *in natura*. Se for fechado um acordo, qual a estimativa de volume de carne bovina *in natura* a ser exportado para os EUA?

— As exportações brasileiras estão crescendo num ritmo bem satisfatório. A gente hoje está com quase 1 milhão de toneladas a serem exportadas. Segundo a última estimativa do Usda, este ano, Austrália e Estados Unidos, que são os maiores exportadores de carne do mundo, têm uma projeção de crescimento de 4 a 5%, enquanto o Brasil tem uma projeção de 10 a 14%. Há cinco, seis anos nós exportávamos 300 mil toneladas de carne e assim mesmo importávamos uma grande parte desse total. O que aconteceu de lá pra cá? Nosso crescimento foi surpreendente. Ano passado exportamos 900 mil toneladas de carne. Nos primeiros meses deste ano, estamos com um aumento de 18% em relação ao mesmo período do ano passado, o que propiciou uma receita adicional de US$19 milhões. Acredito que estamos ocupando um espaço deixado primeiramente pela União Européia, com a doença da vaca louca, e pela Argentina, quando houve o problema da aftosa. O Brasil ocupou todos esses espaços e agora ele está ocupando outro, que está sendo deixado pela Austrália, com problemas de seca e de reposição de rebanho. Nós temos produto, temos qualidade, temos hoje sanidade. Em dois, três anos, vamos passar a ser o maior exportador de carne bovina do mundo. Os Estados Unidos são o segundo exportador, mas importam muito. E por que não importar a carne brasileira, já que ela hoje está com problema sanitário resolvido? Eu acho que é isso que o nosso Roberto Rodrigues foi nos Estados Unidos negociar e acredito que essa negociação deve ir adiante.

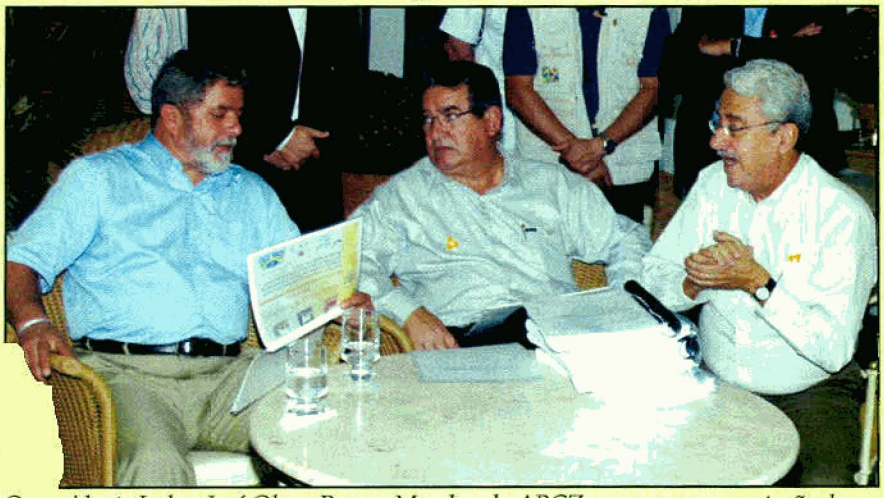
O objetivo é dar condições para que o pequeno e médio produtor possam produzir com mais eficiência, através de uma genética melhorada. Não é só dar o peixe ao criador, você tem que dar a ele a vara de pescar.

Que razões a gestão do ministro Pratini alegou para impedir que entidades, entre as quais a ABCZ, se tornassem certificadoras do Sisbov (Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina), uma vez que a ABCZ dispõe do mais completo banco de dados de zebuínos do mundo? Em que pé estão as negociações com a atual gestão do Mapa para a entidade ser certificadora do Sisbov?

— O ministro Pratini não era contra a ABCZ ter a sua certificadora. Pelo contrário, foi até um grande incentivador para que a entidade fizesse a sua certificadora. O que acontece é que o Departamento de Sanidade Animal do secretário na época achou que a ABCZ, por ser uma associação, não tinha credibilidade para certificar o gado dos seus associados. Ele achava

Soluções para a produção de alimentos

LADOLFO



O presidente Lula e José Olavo Borges Mendes, da ABCZ, ouvem a apresentação do professor Mauro Lopes, da FGV, sobre o Fórum Mundial de Produção de Alimentos

Na solenidade de abertura da Expozebu, em Uberaba, no dia 3 de maio, o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes, propôs em discurso dirigido ao presidente Lula uma parceria entre a FGV, a ABCZ e o governo federal para a realização do Fórum Mundial de Produção de Alimentos, um projeto desenvolvido pela equipe do Centro de Estudos Agrícolas do IBRE/FGV que irá reunir pesquisadores, autoridades, empresários e estudiosos de diversos países na busca de soluções para a produção de alimentos.

O fórum terá três momentos importantes. O primeiro, um concurso nacional de idéias inovadoras para mitigar o problema da fome, através da produção, processamento e distribuição de alimentos. O segundo, um seminário internacional com a participação de especialistas mundiais nas questões de produção de alimentos entre pequenos produtores com vistas ao abastecimento local. E, por fim, uma feira internacional em 2004, destinada a divulgar técnicas de produção, processamento e distribuição de alimentos entre pequenos produtores e pequenas agroindústrias.

O documento com as principais diretrizes do fórum foi apresentado ao presidente Lula pelo professor Mauro Lopes, do IBRE/FGV, na sala de reuniões do palanque oficial do parque Fernando Costa, em Uberaba. Estiveram presentes ao encontro os ministros da Segurança Alimentar, José Graziano da Silva, do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto e da Agricultura, Roberto Rodrigues.

Segundo Lopes, o projeto é um desafio ao talento dos brasileiros. "Buscar idéias inovadoras é valorizar o que o brasileiro tem de melhor: a imaginação e criatividade. Tenho certeza de que o resultado desse evento irá surpreender", disse ao presidente Lula.

O projeto terá a duração de 11 meses. Em junho será divulgado o regulamento do concurso. Em dezembro sai o resultado das propostas semifinalistas. Em março de 2004, durante o seminário internacional, serão anunciadas as propostas vencedoras do concurso e realizada a entrega dos prêmios. O ministro da Segurança Alimentar, José Graziano, oficializou a participação do governo no Fórum Mundial de Produção de Alimentos: "Estou verificando aqui o cronograma proposto por vocês para a realização da entrega dos prêmios em março e abril de 2004. Nessa ocasião estaremos realizando o terceiro congresso do Programa Fome Zero. Podemos fazer juntos esse evento. Vamos então conduzir o evento em conjunto com a ABCZ e a FGV", disse. (**C. G.**)

que a certificação dessas associações não seria aceita pela União Européia, o que eu acho uma bobagem muito grande, porque se há 70 anos a ABCZ certifica seus animais, faz o registro genealógico, as provas zootécnicas, e esses registros e provas são aceitos no mundo inteiro, então por que não ter a sua certificadora? Nós levamos isso ao atual ministro e ao atual secretário e eles estão de pleno acordo. Poderemos até inicialmente certificar os nossos próprios produtos, mas também iremos ampliar isso para o rebanho de uma maneira geral.

■ Como está a questão da rastreabilidade hoje?

— O que tem sido feito, até certo ponto, não tem sido muito bem feito. Nós sabemos de algumas certificações que chamamos de "curralito", feitas no curral do frigorífico. Isso não é uma coisa séria e nós sabemos que o produtor não está entusiasmado, não entrou de corpo e alma nesse circuito, porque ele não está sendo remunerado por seu produto certificado. O dia em que o mercado entender, principalmente o mercado frigorífico, que um boi certificado tem um valor superior a um boi não certificado – quer dizer, ele remunerar um invernista por um boi certificado e o invernista, por sua vez, remunerar o recriador por um garrote certificado e o recriador a um bezerro de um criador certificado – ele vai ter um *spread* maior e com certeza todo mundo vai aderir a esse processo.

■ A aftosa está sob controle?

— Está. Ontem eu estive em Ribeirão Preto, na Câmara Setorial da Carne, e o secretário de Sanidade Animal do governo nos afirmou que no ano

2002 nós não tivemos nenhum caso de aftosa no Brasil, e, em 2003, até o momento, a mesma coisa. Temos ainda algumas áreas que não estão livres da doença, como é o caso do Norte e Nordeste. Temos que procurar esses estados, fazer com que os governos entendam a necessidade de erradicar a febre aftosa, de vacinar os rebanhos. Eles não têm controle sobre esse gado. E nós estamos muito preocupados, por exemplo, em dar a vacina de aftosa à Bolívia, ao Paraguai, para que esses países não tragam a aftosa para nós. Mas ao mesmo tempo eu acho que essa preocupação tem que ser estendida ao Norte e Nordeste. Nos estados do Brasil Central, que eu conheço, o trabalho é muito bem feito, muito bem vigiado, mas nós não podemos nunca ter um recuo como aconteceu no Rio Grande do Sul. Porque se tiver uma queda dessas é difícil voltar a ocupar esse espaço. Nós já verificamos isso com a Argentina, com a União Européia. Então é importante você mostrar que o Brasil realmente tem uma campanha de vacinação boa, que está atuando, que está funcionando.

Representantes de 18 empresas exportadoras de carne dos Estados Unidos, ligadas ao Usmef, organizaram uma viagem ao Brasil em 23 de março último. Não ficou muito claro o objetivo da visita. Esse grupo, por acaso, pretende investir no mercado brasileiro de carnes?

— Olha, eu acho que os americanos estão preocupados conosco de toda forma. Estão preocupados com o sojicultor, com nossa produção de soja, com nossa produção de milho, com nossa carne. Por que essa preocupação? Porque nós temos território, temos clima, temos agora sanidade, temos um custo de produção muito baixo em relação ao custo de produção deles e da própria Austrália. Então isso faz com que eles fiquem olhando pra gente – assim, até com uma certa inveja e uma certa preocupação –, porque o Brasil está se tornando aquilo que nossos antecipados diziam, que nós seríamos o celeiro do mundo.

O comentário é que eles falaram muito pouco e ouviram muito...

— Eles querem saber tudo. Ano passado, na época do Pratini, se fez uma campanha de trazer algumas delegações internacionais para o Brasil, principalmente formadores de opinião, jornalistas, pessoal da imprensa, para mostrar a carne brasileira, mostrar como ela é produzida no pasto, como estavam as condições de nossos frigoríficos – hoje são condições boas e de higiene –, como é desossada essa carne. Porque quanto mais você mostrar e quanto mais nós adquirirmos experiência – que até outro dia não tínhamos – de negociadores, melhora a nossa vida, nossa qualidade no campo. No ano passado nós tivemos 350 mil pessoas visitando a Expozebu. Dessas 350 mil pessoas, tivemos 250 visitas internacionais. Pois bem: nos surpreendeu quando fomos fazer um balanço do nosso site no período da Expozebu. A surpresa foi que tivemos 400 mil acessos a nosso site, no período de 1º a 10 de maio. E nesses 400 mil, fomos investigar, tinha lá 29 países diferentes. O que significa isso? São 29 países interessados em saber como essa carne é produzida e a genética com que é produzida, já que 80% do nosso rebanho geneticamente é zebuíno.

De que maneira a genética está sendo aprimorada pelos pecuaristas?

— Na genética tudo gira num tripé. Quando se fala em carne, em fazenda e em boi, há um tripé. Um é a sanidade, que está sendo muito bem conduzida. Outro, nós devemos muito a uma instituição nossa, que se chama Embrapa. A Embrapa pesquisou variedades de capim, procurou incentivar a cultura, a multiplicação dos bons capins, nos ajudou muito na parte de alimentação, não só de capim mas também de ração. O outro é a genética. Um boi para atingir 800 quilos demorava quatro, cinco anos. Esse era o grande campeão da exposição de Uberaba. Hoje um boi de 800 quilos é praticamente um campeão jovem de Uberaba. Há cinco, seis anos, quando matávamos os bois no frigorífico (eu sou invernista também), nós os matávamos com quatro anos e meio, cinco anos de idade. Hoje esses mesmos bois estão sendo abatidos com dois anos e meio, quer dizer, a evolução é muito grande. O que é isso? Isso é genética. Essa genética de ponta que se vê em Uberaba. Esses grandes campeões, esses animais melhoradores, estão chegando hoje ao rebanho comercial numa velocidade muito grande, através de seus filhos e dessa multiplicação de transferência de embriões, através dos sêmens que são vendidos e usados no rebanho comercial. É lógico que tem a beleza racial, tem tudo isso, mas hoje nós estamos muito mais preocupados com carcaça, muito mais preocupados com fertilidade, com o acabamento dessa carcaça, com a velocidade de acabamento. Isso chama-se melhoramento genético. É o que estamos fazendo com muita propriedade.

Em dois, três anos, vamos passar a ser o maior exportador de carne bovina do mundo. Os Estados Unidos são o segundo exportador, mas importam muito. Por que não importam também a carne brasileira?

** Esta entrevista foi concedida a um dia da visita da comitiva presidencial a Uberaba.*

cgarcia@fgv.br